Linguagem, sentido e pensamento na lógica transcendental de Husserl

Matheus dos Reis Gomes[1]

RESUMO

Buscamos investigar a interdependência entre linguagem, lógica e pensamento na obra *Formale und transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* [*Lógica formal e transcendental. Tentativa de uma crítica da razão lógica*], de Husserl (*Hua* XVII), com foco em três dimensões principais: a função da linguagem como meio de expressão da verdade racional, sua ontologia dual como fenômeno sensível e intencional, e a complexa relação entre pensamento e linguagem. Na primeira seção, exploramos a noção de λόγος no pensamento husserliano, destacando a linguagem como veículo de expressão da verdade racional, contrastando a lógica formal com a lógica do pensamento. Na segunda seção, analisamos a ontologia dual da linguagem, argumentando que ela excede a materialidade acústica ou gráfica, mantendo uma constância de significado que transcende suas variações empíricas. Na terceira seção, examinamos a relação entre pensamento e linguagem, enfatizando a intencionalidade como componente central na constituição do significado. Concluímos que a linguagem é fundamental na formação do conhecimento e da realidade, ao operar como uma estrutura ideal e universal que, além de comunicar, molda os conteúdos do pensamento e da vida espiritual, revelando seu papel epistemológico e constitutivo na experiência humana.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem; Lógica; Pensamento; Husserl; Fenomenologia.

[1] Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Lattes: 2596415377539460. E-mail: matheusdosreisgomess@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5534-8886.

Language, sense, and thought in Husserl's transcendental logic

ABSTRACT

We aim to investigate the interdependence between language, logic, and thought in Husserl's *Formale und transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* [*Formal and transcendental logic. Attempt at a critique of logical reason*] (*Hua* XVII), focusing on three main dimensions: the function of language as a medium for the expression of rational truth, its dual ontology as a sensible and intentional phenomenon, and the complex relationship between thought and language. In the first section, we explore the notion of λόγος in Husserlian thought, highlighting language as a vehicle for expressing rational truth, contrasting formal logic with the logic of thought. In the second section, we analyze the dual ontology of language, arguing that it exceeds its acoustic or graphic materiality, maintaining a constancy of meaning that transcends its empirical variations. In the third section, we examine the relationship between thought and language, emphasizing intentionality as a central component in the constitution of meaning. We conclude that language is fundamental in the formation of knowledge and reality, as it operates as an ideal and universal structure that, beyond mere communication, shapes the contents of thought and spiritual life, revealing its epistemological and constitutive role in human experience.

KEYWORDS

Language; Logic; Thought; Husserl; Phenomenology.

Recebido: 19/12/2024

Aceito: 22/01/2026

Publicado: 03/04/2026

DOI: https://doi.org/10.59780/bmlx3099

Introdução

Husserl, ao longo de sua obra, dedica-se de maneira esparsa à questão da linguagem, concentrando suas principais reflexões no contexto das *Investigações lógicas* (*Logische Untersuchungen*) (cf. *Hua* XVIII, XIX, XX; Beyer, 2022). Adicionalmente, sua investigação sobre a semiótica, especialmente a distinção entre expressões e indicações, aprofunda sua abordagem da linguagem nesse contexto, elucidando aspectos essenciais da comunicação e do significado (Averchi, 2018, p. 211). No entanto, como destacado por Bundgaard (2010, p. 369), esse foco específico ocupa apenas uma parte modesta de seus escritos, sendo notadamente explorado na *Primeira* e *Quarta investigações* (*Hua* XIX/1). Essa observação decorre do fato de que Husserl (*Hua* XIX/1) buscava entender a essência da linguagem de maneira independente de qualquer uso particular, *i.e.*, desvinculada dos contextos empíricos, influenciando, por exemplo, a tradição da 'gramática racional' de Port-Royal (Arnauld; Lancelot, 2015, p. 23-40; Miel, 1969, p. 264-5; Aurora, 2016, p. 11; Bundgaard, 2010, p. 369), ao passo que antecipa aspectos da linguística estrutural e formal que viriam a ser desenvolvidos por teóricos como Roman Jakobson (1961; 1968) e Noam Chomsky (1965; 2011). Ainda assim, a relevância das análises linguísticas de Husserl tem sido frequentemente negligenciada, tanto em seus próprios textos quanto na recepção subsequente no campo da filosofia e da linguística. Contudo, a extensão dessa ambição filosófica não se traduziu em um impacto profundo nos estudos linguísticos contemporâneos, devido, em grande parte, à percepção de que Husserl não retomou – "sob o ideal de uma ciência rigorosa" (Korelc, 2023, p. 3) – esse tema de forma sistemática em seus trabalhos posteriores.

Diante desse tema, este artigo investiga a interdependência entre linguagem, lógica e pensamento na obra de Husserl, com foco em três dimensões principais: a função da linguagem como meio de expressão da verdade racional, a ontologia dual da linguagem como fenômeno sensível e intencional, e a relação entre pensamento e linguagem. Além de explorar a relação entre linguagem, lógica e pensamento, nosso objetivo geral busca evidenciar a linguagem para além de um meio material, como uma construção que desempenha um papel significativo na formação de significados compartilhados e na estrutura intencional do pensamento, ao mesmo tempo em que critica perspectivas que a reduzem a uma mera ferramenta de comunicação. Para isso, na primeira seção, abordaremos a interdependência entre linguagem e lógica na obra de Edmund Husserl, especialmente em *Formale und transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* [*Lógica formal e transcendental. Tentativa de uma crítica da razão*

lógica] (*Hua* XVII), onde se investiga a multifacetada noção de λόγος. O objetivo principal é explorar como Husserl articula a linguagem como um veículo para a expressão da verdade racional, contrastando a lógica formal com a lógica do pensamento e sua relação com a experiência humana. A argumentação se desenrola em torno das diversas acepções do termo λόγος, enfatizando sua dimensão pragmática e a distinção entre ideias subjetivas e objetivas. A conclusão propõe que a linguagem não é meramente um meio de comunicação, mas um instrumento epistemológico vital para a constituição do conhecimento, desvelando que, ao dissociar a lógica das limitações do psicologismo, Husserl assegura a validade da lógica como uma estrutura ideal e universal, essencial para a formação de um entendimento compartilhado.

Na segunda seção, buscaremos explorar a ontologia dual da linguagem como fenômeno sensível e intencional. O objetivo central é expor como a linguagem excede sua mera manifestação acústica ou gráfica, revelando uma estrutura intencional que é importante para a comunicação intersubjetiva e a formação de significados compartilhados. Argumentaremos que a palavra e a sentença, enquanto veículos de sentido, mantêm uma constância de significado que perdura, independentemente de suas variações formais. Neste contexto, a linguagem, além de ser entendida como um meio material de expressão, é uma construção espiritual ideal, cuja essência permanece inalterada por meio de suas múltiplas reproduções empíricas. Ao investigar a relação entre significação e expressão, e a tensão entre a materialidade da linguagem e sua função constitutiva na experiência humana, buscaremos demonstrar que a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um elemento fundamental na constituição da realidade, onde o significado é invariável, mesmo diante de sua diversidade sensorial.

Por fim, na última seção, exploraremos a complexa inter-relação entre pensamento (*Denken*) e linguagem (*Sprache*) sob a ótica da fenomenologia husserliana. O objetivo é analisar como a linguagem não apenas serve como um meio de comunicação, mas também como um veículo fundamental para a constituição e expressão do pensamento, ressaltando as advertências de Husserl sobre as limitações inerentes à expressão linguística. Buscaremos evidenciar que o significado do termo ‘pensamento’ deve ser entendido em relação à linguagem. A conclusão dessa seção indicará que a relação entre pensamento e linguagem sobrepuja a mera articulação verbal, revelando uma estrutura intencional que se articula na formação dos conteúdos do pensamento, desafiando a noção de que a linguagem pode capturar plenamente a riqueza da vida espiritual humana.

Concluímos que a análise da inter-relação entre linguagem, lógica e pensamento na obra husserliana revela que a linguagem se insere como elemento primordial na constituição do

conhecimento e da realidade. A investigação demonstra que, ao dissociar a lógica das implicações psicologistas e ao enfatizar a intencionalidade na interação entre pensamento e linguagem, Husserl assinala a linguagem como um meio de comunicação que, além de suas funções comunicativas, opera como um componente essencial da vida espiritual. Tal abordagem evidencia a posição da linguagem não apenas como veículo de expressão, mas como constitutiva das estruturas racionais e do entendimento intersubjetivo. Assim, a linguagem emerge como a instância mediadora que articula as verdades lógicas e possibilita a formação de um horizonte de sentido compartilhado, fundamental para a experiência da consciência (*Bewusstsein*).

Há uma interdependência do λόγος na linguagem?

Propomos explorar, de forma breve, nesta seção, a interação entre linguagem e lógica em *Formale und transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* [*Lógica formal e transcendental. Tentativa de uma crítica da razão lógica*], de Husserl, especialmente no parágrafo intitulado *Ausgang von den Bedeutungen des Wortes Logos: Reden, Denken, Gedachtes* [*Partindo dos significados da palavra logos: falar, pensar, pensado*] (*Hua* XVII, 16). O foco recai sobre as críticas que desafiam a posição husserliana sobre a linguagem como veículo da verdade racional. O objetivo geral é compreender como a lógica e o pensamento husserliano se constroem em relação à linguagem, (i) analisando as diversas acepções do termo λόγος e suas implicações para a teoria da linguagem em Husserl, e (ii) investigando a distinção entre ideias subjetivas e objetivas e seu papel na constituição do conhecimento.

Husserl, no início do parágrafo *Ausgang von den Bedeutungen des Wortes Logos: Reden, Denken, Gedachtes* [*Partindo dos significados da palavra logos: falar, pensar, pensado*] (*Hua* XVII, 16), destaca que λόγος [*lógos*][2], da qual a palavra *Lógica* é derivada, possui uma vasta

[2] De acordo com Liddell, Scott e Jones (1996 [1843], p. 1057-9), o termo grego λόγος possui um amplo espectro de significados, refletindo sua rica utilização na literatura e na filosofia grega. Esse substantivo verbal, derivado do verbo λέγω (*légō*), que significa 'dizer' ou 'falar', é frequentemente utilizado em diversos contextos que vão desde a contabilidade até a metafísica, implicando uma profundidade de significados que merece ser explorada. λόγος carrega conotações metafóricas e filosóficas significativas. No contexto da filosofia, λόγος é frequentemente associado à razão, ao discurso e à lógica. A sua aplicação em textos filosóficos indica a busca por uma compreensão mais profunda do universo, onde o λόγος se torna um meio de articulação entre o pensamento e a realidade. Através do λόγος, o ser humano tenta compreender a ordem subjacente do cosmos, buscando não apenas descrever, mas também interpretar a experiência. Ainda mais, a análise do termo revela sua presença em discussões sobre o 'ser' e a 'essência'. O λόγος não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um princípio organizador que subjaz à experiência humana. A palavra sugere que a linguagem, a razão e a conta não são entidades separadas, mas partes de um todo integrado que forma a base da compreensão e da interação humana com o mundo. Por outro lado, a multiplicidade de significados do λόγος também pode ser vista como um reflexo das complexidades da

gama de significados (*Bedeutungen*) que derivam de entendimentos anteriores de λέγειν [*légein*], "[...] ou seja, dos significados 'juntar' [*zusammenlegen*], 'expor' [*darlegen*], e, depois, por meio da palavra [*Wortes*], do discurso reunido" (*Hua* XVII, 16)[3]. Primeiramente, λόγος é entendido como palavra ou discurso (*Rede*) em si mesmo; refere-se ao conteúdo do discurso, "[...] o estado de coisas em discussão" (*Hua* XVII, 16)[4]. Além disso, λόγος também pode ser entendido como o pensamento proposicional gerado pelo falante para fins de comunicação ou para si próprio, "[...] o sentido espiritual da frase assertiva" (*Hua* XVII, 16)[5], *i.e.*, aquilo que é significado pelo enunciado, como também pode apontar para o 'ato espiritual em si' (*geistigen Akt selbst*), ato de enunciar, declarar (*Aussagen*) ou qualquer outra forma de pensamento em que um conteúdo de sentido é gerado em relação aos objetos ou estados de coisas pertinentes, diferentemente do fenômeno (cf. *Hua* XVII, 16). Em outros termos, λόγος, em seu cerne husserliano, não apenas integra o ato de proferir um discurso com o conteúdo semântico que ele carrega, mas também envolve a própria intencionalidade do pensamento, onde o sujeito, ao expressar um juízo ou assertiva, realiza um ato espiritual que unifica a linguagem e o significado, refletindo a relação entre a consciência e os estados de coisas no mundo, assinalando a relação entre linguagem, pensamento e realidade (cf. McIntyre; Smith, 1982, p. 87-152).

Todas essas acepções do termo λόγος, para Husserl (*Hua* XVII, 16), adquirem um sentido pragmático (*prägnanten Sinn*), especialmente no contexto do interesse científico, ao incorporar a ideia de uma norma racional, *i.e.*, "[...] na medida em que a ideia de uma norma da razão entra neles" (*Hua* XVII, 16)[6]. Nesse âmbito, λόγος pode significar a própria razão (*Vernunft selbst*), enquanto faculdade, e também o pensamento racional, voltado para a clareza e a verdade evidente. Acrescentando a isso, λόγος designa a capacidade específica de formar conceitos corretos (*rechtmäßige Begriffe*) e, igualmente, a própria formação racional desses conceitos veiculados por ideias, bem como o conceito correto resultante desse processo (cf. *Hua* XVII, 16).

Joardar (2011, p. 212) compreende que as proposições são ideias veiculáveis pela linguagem e permitem um aprofundamento nas nuances da lógica no pensamento husserliano, dado que, enquanto a lógica formal se concentra nas formas de expressão, Husserl parece direcionar seu

própria condição humana. O ato de 'dizer' não é meramente uma questão de transferir informações, mas envolve também a responsabilidade de transmitir significados, de representar a verdade.

[3] Todas as traduções presentes neste texto são de nossa responsabilidade. "[...] also den Bedeutungen 'zusammenlegen', 'darlegen', dann mittelst des Wortes, der Rede darlegen" (*Hua* XVII, 16).

[4] "[...] der in Rede stehende Sachverhalt" (*Hua* XVII, 16).

[5] "[...] der geistige Sinn des sprachlichen Behauptungsatzes" (*Hua* XVII, 16).

[6] "[...] dass in sie die Idee einer Vernunftnorm eintritt" (*Hua* XVII, 16).

olhar para as formas das ideias que essas expressões encerram, evidenciando uma intenção de transpor a mera estrutura sintática. Assim sendo, a categorização das ideias em subjetivas e objetivas abre um horizonte de reflexão sobre a experiência humana.[7] Quanto às ideias subjetivas, sugere-se que, além de a forma lógica depender da forma sintática, a lógica gramatical husserliana funciona como um sistema de regras recursivas que operam sobre representações mentais – ideias subjetivas; e que a forma sintática dessas representações, tanto mentais quanto linguísticas, é relevante para a semântica, pois carrega informações sobre os papéis semânticos.[8]

Como observa Cadena (2019, p. 38), Husserl distingue entre duas dimensões da vivência (*Erleben*): a dimensão subjetiva (noese) e a dimensão objetiva (noema). A essência ou o universal situa-se na dimensão objetiva, *i.e.*, no noema. A linguagem, portanto, assume um papel central ao descrever essa dimensão objetiva. Esta descrição não é meramente uma reprodução de sentidos subjetivos, como em Frege (1892/2009), mas uma revelação das estruturas essenciais da experiência. Assim, a linguagem é vista como uma ferramenta epistemológica que permite a apreensão das essências, ou universais, que constituem a realidade objetiva.

Husserl, para Joardar (2011, p. 212), propõe que, ao perceber um objeto – como uma árvore –, é imprescindível que exista um significado ideal compartilhado que possibilite a comunicação sobre esse objeto. Essa busca pela estrutura do significado ideal, ou λόγος, torna-se central na investigação lógica husserliana, apresentando um caminho que visa unificar a multiplicidade de experiências individuais sob um entendimento comum. Entretanto, em Derrida (1994), há uma crítica sutil, mas incisiva, à maneira como Husserl, em sua fenomenologia, lida com a questão da linguagem, especificamente a relação entre o λόγος transcendental e a linguagem herdada (Lee, 2010, p. 466). Derrida enfatiza que, ainda que Husserl tenha realizado a ἐποχή [*epochē*] fenomenológica, colocando entre parênteses

[7] Gurwitsch (1947, p. 158) apresenta uma crítica ao predomínio do objetivismo que caracteriza a filosofia e a psicologia contemporâneas, enfatizando a necessidade de um enfoque na subjetividade, *i.e.*, na consciência. Nesse sentido, a discussão se destina à defesa e, se possível, à ampliação dessa orientação, que reconhece a centralidade do sujeito na experiência do objeto. Um conceito fundamental nessa análise é o que pode ser designado como 'objeto subjetivo'. Este conceito, embora provisoriamente definido, refere-se não ao objeto em sua essência ou realidade objetiva, mas à forma como ele se apresenta à mente do sujeito experienciador através de um ato específico de consciência. A esse fenômeno, Husserl denomina 'noema', enfatizando que o significado do objeto não reside apenas em suas características externas, mas também na maneira como é percebido e interpretado pelo sujeito.

[8] Nesse modelo, os significados são compreendidos como conteúdos estruturados, organizados em categorias formais, de modo que as propriedades lógicas das expressões refletem suas propriedades gramaticais. Todavia, ao reduzir o significado linguístico ao conteúdo intencional de representações pré-linguísticas, surge uma dificuldade não trivial em explicar como a semântica se relaciona com a sintaxe (cf. Bianchin, 2018, p. 107-11).

pressupostos e crenças metafísicas, ele não quebrou a continuidade da linguagem metafísica que fundamenta suas análises (1994, p. 14). Isso indica que, ao transformar conceitos tradicionais em indicativos ou metafóricos, Husserl não conseguiu se desvencilhar da herança conceitual da metafísica.

A questão que Derrida levanta em relação à crítica da linguagem fenomenológica de Husserl, portanto, não se limita à operação de suspensão do juízo proposta pela ἐποχή, mas também à forma como Husserl permanece vinculado à tradição metafísica por meio da linguagem (Lipka, 2011, p. 251). Nesse ponto, Derrida sugere que Husserl, embora tenha interrompido a continuidade do julgamento metafísico, não conseguiu romper com as estruturas linguísticas que sustentam essa tradição (1994, p. 14). Esse aspecto levanta um dilema crucial na fenomenologia: a possibilidade de uma linguagem puramente descritiva, livre de pressuposições históricas e metafísicas, algo que se torna ainda mais evidente na investigação lógica husserliana, onde a busca pelo significado ideal está intrinsecamente ligada à tentativa de ultrapassar as limitações da linguagem ordinária.

A reflexão de Husserl acerca da lógica, aponta Joardar (2011, p. 212), revela uma distinção importante entre os aspectos semânticos e sintáticos, que serve como ponto de partida para uma análise mais rigorosa (cf. Husserl, 1910/1911), colocando em evidência a importância das proposições, que podem ser entendidas como expressões que encerram significados mais profundos, em contraposição às meras sentenças que, frequentemente, podem carecer de um conteúdo significativo. A escolha de enfatizar o aspecto semântico não é fortuita; ela sugere um interesse em explorar a relação entre significante e significado, abrindo um campo para a investigação da verdade e da validade lógica. Nesse entendimento, há uma abordagem que ultrapassa a superficialidade do sintagma, buscando adentrar no significado que as proposições conferem ao pensamento lógico.

Ao definir o λόγος pela lógica, Derrida entende que Husserl perpetua a tradição de subordinar a linguagem à lógica, tratando-a não em sua dimensão viva e dinâmica, mas em termos de sua conformidade com o τέλος [*télos*] da normalidade lógica (1994, p. 14). A linguagem, portanto, em vez de ser vista como uma atividade fenomenológica criativa, é restringida à sua função representativa e normativa. Se tomarmos, contudo, a multiplicidade de significados inter-relacionados da palavra λόγος como guia para a formação da primeira concepção de uma ciência (*Wissenschaft*) do λόγος, conforme proposto por Husserl (*Hua* XVII, 16), surgem, com isso, temas ricos e interconectados para uma investigação teórica e aplicação normativa. Para essa compreensão, Husserl (*Hua* XVII, 16-17), ao retomar a segunda

significação, daquele segundo grupo de significados (*zweite Bedeutungsgruppe*), nos conduz ao tema da razão "[...] como a capacidade de pensar de maneira correta e que pode ser justificada de forma compreensível" (*Hua* XVII, 16)[9]. Abordando a questão geral de como os atos temporários (*vorübergehenden Akte*) de um eu fundamentam uma capacidade habitual correspondente, Husserl (*Hua* XVII, 17) nos leva à questão sobre quais atos constituem os atos de consciência 'racionais' (*vernünftigen*) em questão. Husserl (*Hua* XVII, 17) argumenta que, antes de qualquer distinção entre o racional e o irracional, é importante tratar do específico do pensamento em si, para então considerar o específico desta racionalidade, algo que perpassa a lógica.

Entre as discussões de Derrida (1994) sobre a subordinação da linguagem à lógica e a crítica à redução da linguagem a uma função representativa, emerge a questão da relação entre pensamento e lógica no contexto da fenomenologia husserliana. Ao delimitar a investigação sobre a razão e os atos racionais, Husserl abre espaço para uma análise que sobressai à mera funcionalidade psicológica da consciência, posicionando o pensamento como um fenômeno essencialmente lógico e não meramente cognitivo. Nesse sentido, a crítica à linguagem e à lógica se intersecciona com o debate sobre o psicologismo, destacando a necessidade de uma abordagem que trate a lógica como uma estrutura ideal independente da subjetividade psicológica. Essa relação entre linguagem, razão e lógica conduz, então, à distinção crucial que Husserl faz entre a validade objetiva da lógica e os limites da psicologia. O entendimento de Joardar (2011, p. 213) acerca da posição de Husserl em relação à lógica e à psicologia evidencia uma distinção crucial entre a validade objetiva da lógica e as limitações da abordagem psicológica, exigindo a adoção de um método que permita a exclusão do psicologismo. Essa exclusão do psicologismo implica que as leis lógicas não podem ser derivadas das funções psicológicas do sujeito, mas devem ser compreendidas como ideais e necessárias, independentes das variações empíricas das consciências. Assim, a lógica adquire um caráter objetivo e universal, situado em um domínio que sobrepuja as contingências da subjetividade. Ao desvincular a lógica das particularidades psicológicas, o pensamento husserliano preserva a autonomia da racionalidade e garante que o conhecimento lógico seja acessível. Isso revela uma busca por uma fundamentação pura, onde a lógica se inscreve como ciência eidética, cujas leis decorrem da própria essência do pensamento e não de processos cognitivos particulares.

[9] "[...] als Vermögen richtigen und einsichtig zu rechtfertigenden Denkens" (*Hua* XVII, 16).

Husserl (*Hua* XVII, 17) considera aqui o sentido da expressão λόγος em relação ao pensamento assertivo e, no sentido comum, ao pensamento como juízos. Essa concepção, entretanto, não abrange todo o 'pensamento' (*Denken*) no sentido mais amplo do termo, e Husserl (*Hua* XVII, 17) retorna à consideração do pensamento em seu sentido mais abrangente. Observando que, uma vez que o pensamento humano geralmente se realiza linguisticamente (*sprachlich*) e que as atividades da razão estão amplamente vinculadas à linguagem, toda crítica que visa revelar a verdade racional recorre à linguagem como crítica intersubjetiva, resultando sempre em enunciados. O foco de Husserl (*Hua* XVII, 17), portanto, deve ser nas afirmações, assim sendo, pensamentos que foram enunciados, em vez de simples atos de consciência, remetendo à primeira acepção husserliana do termo λόγος.

A análise do conceito de λόγος em Husserl desvela uma relação que abarca as dimensões da linguagem, da lógica e da racionalidade, evidenciando a intersecção desses elementos como fundamento do conhecimento. A investigação das diversas acepções de λόγος revela que a linguagem se erige não como um puro meio de comunicação, mas como um instrumento epistemológico essencial para a manifestação e constituição das verdades racionais. Ao dissociar a lógica das amarras do psicologismo, Husserl propõe uma concepção da lógica como um domínio ideal e universal, imprescindível à articulação do pensamento humano. Tal abordagem ressalta que o significado lógico propaga as expressões subjetivas, configurando-se por meio de normas racionais que excedem a individualidade, permitindo, assim, uma relação intersubjetiva.

A linguagem como fenômeno sensível e intencional

Abordaremos a linguagem em Husserl (*Hua* XVII) e sua natureza dual, como fenômeno sensorial e intencional. Argumentamos que a linguagem ultrapassa sua simples manifestação acústica ou gráfica, revelando uma estrutura intencional essencial à comunicação intersubjetiva e à formação de significados compartilhados. A palavra e a sentença, enquanto portadoras de sentido, elevam-se acima do domínio da sonoridade e mantêm uma constância de significado, mesmo diante de variações em suas formas físicas. Nesse ponto, a linguagem é concebida como um meio material de expressão e como uma construção espiritual ideal, cuja essência permanece inalterada, independentemente de suas múltiplas reproduções empíricas. A análise que se segue busca investigar essa relação entre significação e expressão, examinando a tensão

entre a materialidade da linguagem e sua função constitutiva na experiência e na realidade humana.

A investigação da linguagem, especificamente da palavra falada e do discurso, pode ser abordada sob a ótica da fenomenologia, como um fenômeno sensorial, mais precisamente acústico. Há, todavia, uma distinção crucial entre o fenômeno acústico – os sons que constituem a palavra falada – e a própria estrutura linguística que subjaz a esses sons, a saber, a palavra e a sentença declarativa em si. Quando repetimos palavras e frases na tentativa de sermos compreendidos, o que se repete não é meramente o som material, mas o conteúdo de significado intencional que essas palavras carregam. Husserl enfatiza que o significado não se esgota na sonoridade do discurso; a essência da linguagem está no nível intencional, onde a palavra e a sentença possuem uma existência que transpõe sua manifestação sensorial (*Hua* XVII, 17). Portanto, a linguagem deve ser compreendida em sua dualidade: como fenômeno acústico percebido pelos sentidos e como portadora de um sentido que permanece constante, independentemente das variações na forma como é pronunciada ou ouvida. Isso destaca a dimensão ideal da linguagem, onde a repetição não altera o significado, mas apenas reitera sua manifestação sonora.

> A palavra [*Wort*] falada, o discurso [*Rede*] atualmente pronunciado, tomado como um fenômeno sensorial, especificamente como um fenômeno acústico [*akustisches Phänomen*], distinguimos da palavra e da sentença declarativa em si [*Aussagesatze selbst*] ou da sequência de frases que constituem um discurso mais extenso. Não é sem razão que, no caso de não termos sido compreendidos e repetirmos, falamos justamente de uma repetição das mesmas palavras e frases (*Hua* XVII, 17).[10]

Primeiramente, ao considerar a palavra falada como um fenômeno sensorial, Husserl (*Hua* XVII, 17) sublinha a dimensão acústica da linguagem. Essa dimensão refere-se ao aspecto material do som, percebido pelos sentidos. Esse fenômeno acústico, não obstante, não esgota a totalidade daquilo a que Husserl se refere como linguagem. A palavra e a sentença possuem uma existência que desborda o som que as veicula.

Esse reconhecimento da linguagem como um fenômeno que vai além da mera sonoridade nos leva a refletir sobre a relação intrínseca entre significação e comunicação. Na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), a linguagem, enquanto "sentido encarnado" (Silva,

[10] "Das ausgesprochene Wort, die aktuell geredete Rede, genommen als ein sinnliches, speziell als ein akustisches Phänomen, unterscheiden wir doch von dem Worte und Aussagesatze selbst oder der eine größere Rede ausmachenden Satzfolge selbst. Nicht umsonst sprechen wir im Falle, daß wir nicht verstanden worden sind und wiederholen, eben von einer Wiederholung derselben Worte und Sätze" (*Hua* XVII, 17).

2023, p. 273), pode ser interpretada como expressão da "experiência vivida" (Merleau-Ponty, 1999, p. 92). Nesse sentido, a intencionalidade da linguagem, como discutido por Husserl, destaca-se não apenas como um atributo da palavra, mas como um componente fundamental da intersubjetividade, onde o significado emerge da interação entre o falante e o ouvinte. Essa dinâmica é corroborada por Austin (1975), que, em sua teoria dos atos de fala, argumenta que a função da linguagem – seu "caráter ativo" (Zilles, 2016, p. 239) – não se limita à transmissão de informações, mas inclui a realização de ações que moldam nossa compreensão mútua. Ao efetuar a nomeação e a categorização do mundo, a linguagem ultrapassa sua função meramente comunicativa, configurando-se como um instrumento fundamental na constituição da realidade. Nesse processo, a linguagem não se limita a servir como um vetor de troca de informações; ela atua como um agente ontológico que molda as estruturas de significação e interpretação do mundo. Portanto, a tarefa de investigar a essência da linguagem exige uma análise que considere tanto seu aspecto acústico quanto sua função intencional, reconhecendo que cada palavra carrega consigo um potencial de significação que se desdobra nas diversas camadas da experiência humana (cf. Searle, 1969).[11]

[11] Atualmente, comenta Vieira (2014, p. 13), estamos inseridos em uma cultura em que o paradigma dominante de nossas reflexões é o da 'linguagem', em contraste com o antigo paradigma do 'ser' e o moderno da 'consciência'. Isso nos torna particularmente atentos e sensíveis a tudo que envolve o uso e os limites da linguagem. No *Crátilo*, Platão explora essa temática, contrapondo duas posições: o naturalismo de Crátilo (383b), que afirma que os nomes possuem uma relação intrínseca com a essência das coisas, e o convencionalismo de Hermógenes (384c), que argumenta que os nomes são meras convenções humanas, sem qualquer vínculo necessário com a realidade. Usando a linguagem como uma espécie de "instrumento de pesquisa" (Santos, 2018, p. 154), Platão, diferentemente de seus predecessores, preocupa-se, desde o início, com a atribuição correta dos nomes às coisas (Vieira, 2014, p. 14). Para ele, o ato de nomear deve refletir as diferenças reais entre os seres, o que significa que o uso cotidiano das palavras não é um critério confiável para determinar a adequação dos nomes. Enquanto as coisas possuem sons, formas e cores, o nomear opera de maneira distinta, buscando atingir a 'essência' (οὐσία) de algo. A imitação por meio de letras e sílabas deve captar o que uma coisa realmente é, distinguindo o que é do que não é. Dessa forma, o ato de nomear carrega a elevada pretensão de apreender e revelar a realidade de forma profunda. Por outro lado, Aristóteles, no *Da interpretação* (16a 25-30), discorre sobre a natureza arbitrária e convencional da linguagem, destacando a não essencialidade da relação entre os nomes e aquilo que designam. A expressão 'conforme convenção' (κατὰ συνθήκην) (16a 25), segundo Aristóteles, denota que os nomes, enquanto signos linguísticos, não possuem uma vinculação ontológica ou necessária com os objetos nomeados, mas adquirem tal função apenas no âmbito de um acordo intersubjetivo. Dito de outro modo, a ligação entre o significante e o significado não é dada por natureza, mas emerge de um ato simbólico instituído pela comunidade falante. Aristóteles enfatiza essa tese ao diferenciar os sons inarticulados proferidos pelos animais, os quais, embora possam carregar algum valor expressivo ou denotativo, não configuram nomes, pois carecem da mediação conceitual e do caráter simbólico que a linguagem humana demanda. Ao trazer à tona a distinção entre mera emissão sonora e nomeação simbólica, Aristóteles sugere que, ainda que os sons animalescos possam revelar algo, é apenas na nomeação, formalizada por convenção, que se instaura uma verdadeira articulação do pensamento. Essa reflexão aristotélica, ao sublinhar a fundamentação convencional dos nomes, não só circunscreve a dimensão contingente da linguagem, mas também evidencia a ruptura entre o plano sensível da emissão sonora e o plano inteligível da significação linguística, postulando a linguagem humana como o *locus* privilegiado onde se entrelaçam o simbólico e o conceitual, inaugurando, assim, um horizonte de sentido compartilhado e estruturado pela convenção social.

Quando Husserl (*Hua* XVII, 17) menciona que repetimos as mesmas palavras e frases caso não sejamos compreendidos, ele aponta para a constância do significado, independentemente da repetição física do som. Isso indica que, na fenomenologia, a essência da linguagem não reside no fenômeno acústico, mas na estrutura intencional que a palavra e a sentença carregam. A repetição de palavras e frases mantém seu conteúdo de significado intacto, mesmo que o fenômeno acústico possa variar, dado que há no pensamento husserliano a distinção da linguagem em dois níveis: (i) o nível sensorial e o (ii) nível intencional. O primeiro, o nível sensorial, diz respeito à manifestação externa da linguagem, àquilo que é percebido pelos sentidos – o som das palavras, sua forma acústica ou gráfica. Esse nível envolve a materialidade da linguagem, seu aspecto físico, que, embora necessário para a comunicação, por si só não esgota a complexidade do fenômeno linguístico. Já o segundo nível, o nível intencional, é onde reside a verdadeira significância, *i.e.*, aquilo que é apreendido pela consciência de forma intencional. Nesse nível, a linguagem é entendida como portadora de sentido, constituída por uma estrutura interna que supera sua mera exterioridade sensorial. É nesse aspecto que se revela o papel da linguagem como meio de expressão do pensamento, onde o que realmente importa não é a forma acústica ou visual das palavras, mas o conteúdo que elas carregam. Esse nível intencional da linguagem torna possível a comunicação intersubjetiva, pois permite que, independentemente de variações físicas ou acústicas, o significado permaneça constante e acessível à consciência.

Cada palavra e frase são apresentadas como elementos únicos, cuja singularidade não é replicada através de leituras repetidas, elucidativas ou silenciosas (*Hua* XVII, 17-8). Esta unicidade é mantida independentemente da voz ou das tonalidades do leitor, enfatizando que a identidade do texto não depende de sua performance oral. A análise gramatical do texto destaca uma distinção fundamental entre a obra original e suas reproduções elucidativas, assim como suas diversas formas de documentação, seja por papel e impressão ou por pergaminho e tinta. Embora o conteúdo linguístico de um texto possa ser reproduzido milhares de vezes, como em forma de livro, ainda assim referimo-nos ao mesmo livro, romance ou tratado. Esta constância é observada não apenas em termos linguísticos, mas também na preservação do significado intrínseco do texto. Assim, a identidade do texto mantém-se intacta tanto em sua estrutura linguística quanto em seu conteúdo significativo, independente de como e quantas vezes ele é reproduzido. A essência do significado é a intuição através de um ato intencional, que não é afetado pelas variações externas de sua apresentação.

> A linguagem, como um sistema de signos habituais [*habituellen Zeichen*] que emerge, transforma-se e permanece na tradição dentro de uma comunidade, distinguindo-se de outros tipos de signos pelo fato de expressar pensamentos [*Gedanken*], apresenta seus próprios problemas. Um desses problemas é a *idealidade da linguagem* [*Idealität der Sprache*], que tende a ser completamente ignorada. Podemos também caracterizá-la da seguinte forma: *a linguagem possui a objetividade das entidades do chamado mundo espiritual ou cultural, e não a da mera natureza física* (*Hua* XVII, 18, ênfase original).[12]

Husserl (*Hua* XVII, 18) aborda a linguagem como uma construção espiritual objetiva (*objektives geistiges Gebilde*), possuindo as mesmas características que outras construções espirituais. Ao distinguir entre milhares de reproduções de uma gravura e a própria gravura, Husserl (*Hua* XVII, 18) destaca que a gravura em si, a imagem esculpida, é percebida em cada reprodução e é apresentada de forma idêntica em cada uma como um ideal idêntico (*identisches Ideales*). A gravura só possui existência (*Dasein*) na forma de reprodução no mundo real (*realen Welt*).

Essa distinção fenomenológica feita por Husserl entre o ideal e o real revela uma das questões centrais de sua filosofia da linguagem: a tensão entre o conteúdo ideal de uma expressão e suas manifestações empíricas no mundo. No caso da linguagem, como construção espiritual objetiva, ela sobrepuja suas manifestações físicas, como sons ou inscrições gráficas, e participa de uma esfera ideal que Husserl identifica como o '*Geist*' (cf. Vecino, 2021, p. 5-7). Essa esfera, acessível à consciência (*Gewissen*), é onde reside o significado (*Bedeutung*), independente de suas múltiplas realizações do *Lebenswelt* [mundo da vida] (Gentil, 2017, p. 104).

A linguagem, enquanto fenômeno intencional, e sua relação entre significado e expressão, portanto, se assemelha à relação entre a gravura e suas reproduções: o significado ideal (*identisches Ideales*) é o mesmo em cada reprodução, ainda que suas manifestações no mundo sensível sejam distintas. Essa concepção husserliana ecoa, de certo modo, no próprio Merleau-Ponty (1999) (cf. Falabretti, 2008). Ao mesmo tempo, podemos comparar essa abordagem com as críticas de Wittgenstein (2022, § 43), embora se distancie de Husserl quanto às concepções metafísicas diante dos 'pseudoproblemas' (cf. Tourinho, 2016, p. 166).

[12] "Die Sprache als ein in einer Volksgemeinschaft erwachsendes, sich umbildendes, in der Weise der Tradition verharrendes System von habituellen Zeichen, mit denen sich im Gegensatz zu anderen Arten von Zeichen ein Ausdrücken von Gedanken vollzieht, bietet überhaupt ihre eigenen Probleme. Eines davon ist die uns soeben entgegengetretene *Idealität der Sprache*, die völlig übersehen zu werden pflegt. Wir können sie auch so charakterisieren: *die Sprache hat die Objektivität der Gegenständlichkeiten der sogenannten geistigen Welt oder Kulturwelt und nicht die der bloßen physischen Natur*" (*Hua* XVII, 18 – ênfase original).

Essa tensão entre a idealidade da linguagem e sua materialidade suscita ainda discussões no campo da hermenêutica, especialmente em Gadamer (1997, p. 505), que explora como o sentido emerge no encontro dialógico entre os falantes e os textos, em um processo de 'fusão de horizontes' (*Horizontverschmelzung*). A linguagem, enquanto evento histórico e cultural, nunca se fecha em uma forma ideal fixa, mas é sempre aberta à interpretação e reinterpretação, um movimento que parece estar em tensão com a noção husserliana de um 'ideal' presente em todas as reproduções.

Para Husserl (*Hua* XVII, 19), a linguagem é descrita como uma unidade ideal (*ideale Einheit*), embora composta por sons. Esses sons não são os mesmos que os sons físicos (*physikalischen Töne*), vale dizer, os sons que a física estuda, nem os sons percebidos sensorialmente, que existem de forma real apenas em sua reprodução concreta e percepção. Assim como uma sonata pode ser reproduzida de diversas maneiras nas suas versões reais, cada som individual da sonata também se reproduz de maneira variada nas reproduções correspondentes. Da mesma forma, a unidade ideal do todo e de suas partes só se torna real por meio de uma separação concreta no tempo e no espaço. Essa idealidade aplica-se igualmente a todos os conceitos linguísticos. A idealidade desses conceitos não se limita ao conteúdo expresso, independentemente de sua importância. As observações feitas abrangem os conceitos linguísticos enquanto discursos dotados de sentido, considerados como unidades concretas de expressão linguística e significado. No entanto, elas se referem principalmente à 'corporalidade' linguística em si, que Husserl (*Hua* XVII, 19) descreve como uma 'corporalidade espiritual' (*geistige Leiblichkeit*): "a própria palavra, a própria proposição gramatical é uma unidade ideal que não se multiplica em suas mil e uma reproduções" (*Hua* XVII, 19).[13]

Segundo Husserl (*Hua* XVII, 19), a análise fundamental dos grandes problemas relacionados ao esclarecimento do sentido e à constituição das objetividades do mundo espiritual, incluindo a linguagem, forma um domínio autônomo. É importante notar que, para um determinado lógico, a linguagem é considerada primeiramente em sua idealidade. Isso significa que a linguagem é vista como a palavra gramatical idêntica, a sentença gramatical idêntica e a conexão de sentenças idênticas, independentemente de suas realizações reais ou possíveis. Husserl (*Hua* XVII, 19) faz um paralelo com a estética para esclarecer essa posição. De maneira semelhante, o objeto de estudo do esteta é a obra de arte, a sonata ou a imagem, não como um complexo físico transitório de sons ou como um objeto físico, mas como a própria

[13] "Das Wort selbst, der grammatische Satz selbst ist eine ideale Einheit, die sich mit ihren tausendfältigen Reproduktionen nicht vervielfältigt" (*Hua* XVII, 19).

obra de arte, a própria sonata, sendo esses os verdadeiros objetos estéticos, assim como no caso paralelo da gramática.

Enquanto fenômeno acústico ou gráfico, a linguagem manifesta-se materialmente, acessível aos sentidos, mas sua essência reside em sua estrutura intencional. O sentido de uma palavra ou sentença não se esgota em sua forma física, mas subsiste em uma esfera ideal, onde o significado permanece constante, independente das variações empíricas de suas múltiplas reproduções. A análise husserliana aponta para a compreensão de que a repetição das mesmas palavras ou frases, como descrito na fenomenologia, não se refere apenas à sua recorrência sonora ou gráfica, mas à preservação do conteúdo intencional que elas carregam. A linguagem, assim, opera em dois níveis: um sensorial, material e contingente, e outro ideal, onde reside o sentido que permite a comunicação intersubjetiva. Ao explorar essa tensão entre a materialidade e a idealidade, Husserl parece incitar a pensar a linguagem não como uma simples ferramenta de transmissão de informações, mas como um meio constitutivo da realidade e da experiência, onde a palavra, enquanto expressão do pensamento, participa de uma esfera espiritual e cultural que ultrapassa suas manifestações. Dessa forma, a linguagem emerge como uma unidade ideal, na qual o significado é invariável, mesmo diante das multiplicidades sensoriais que a envolvem, reafirmando sua função primordial na constituição do mundo.

Pensamento e linguagem

Nesta seção, destacaremos a exploração da correlação entre pensamento (*Denken*) e linguagem (*Sprache*), conforme evidenciado por Husserl sobre a linguagem como expressão da vida espiritual (*Hua* XVII, 19). Os objetivos específicos desta seção incluem: (i) examinar a complexidade do conceito de 'pensamento' e suas implicações na relação com a linguagem, considerando as advertências de Husserl sobre as limitações da expressão linguística; (ii) analisar como a linguagem pode ser vista como um meio para a constituição de significados, em contraste com a mera emissão de palavras.

Husserl (*Hua* XVII, 19) trata da relação entre pensamento (*Denken*) e linguagem (*Sprache*), destacando a complexidade envolvida na tentativa de definir e circunscrever o que se entende por 'pensamento' no contexto dessa relação, "[...] pois costuma-se dizer que 'na linguagem o ser humano expressa sua vida espiritual'" (*Hua* XVII, 19)[14]. Tal afirmação sugere

[14] "[...] denn man pflegt ja auch zu sagen 'in der Sprache drücke der Mensch sein Seelenleben aus'" (*Hua* XVII, 19).

que o significado do termo ‘pensamento’ deve ser extraído da correlação entre linguagem e pensamento frequentemente mencionada por alguns pensadores, como Wittgenstein (2022, §§ 336, 339), Heidegger (GA 2: 160/453), Hannah Arendt (2022, p. 106), Wilhelm von Humboldt (2000, p. 57-61) etc., indicando que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo fundamental para a constituição e expressão do pensamento (cf. Mattens, 2008, p. 16-9).

Husserl (*Hua* XVII, 19), porém, alerta para a amplitude do termo ‘pensamento’ quando associado à linguagem, sugerindo que ele pode parecer abranger toda a ‘vida espiritual humana’ (*Seelenleben des Menschen*). A expressão ‘*Seelenleben*’ [vida espiritual][15] remete ao conjunto de experiências e vivências internas, indicando que a linguagem pode ser vista como um meio pelo qual o ser humano expressa essa dimensão interna de sua existência. Contudo, a advertência de Husserl (*Hua* XVII, 19) de que devemos ser cautelosos reflete sua percepção crítica sobre a relação entre linguagem e experiência interna, sugerindo que nem todas as dimensões da vida espiritual podem ser realmente expressas ou capturadas pela linguagem, ressaltando assim os limites inerentes à linguagem enquanto ferramenta de expressão.

Abordando a complexidade inerente ao conceito de ‘expressão’ (*Ausdrücken*) na linguagem e destacando as limitações e ambiguidades que surgem ao tentar esclarecer essa noção, Husserl (*Hua* XVII, 19-20) aponta que a frequente confusão em torno do termo ‘expressar’ deriva de sua polissemia e da falta de clareza na compreensão das relações que ele implica, a ponto de ser necessária uma delimitação do que se entende por ‘expressão’, vinculando-a à ideia de que toda palavra e toda combinação de palavras em um discurso possuem uma intenção de sentido, um significado (*Bedeutung*) que vai além dos sons ou signos linguísticos.

Para Husserl (*Hua* XVIII, 38), a linguagem, apesar de ser uma ferramenta indispensável para o pensador, é, ao mesmo tempo, profundamente limitada quando se trata da pesquisa científica. A imperfeição dos signos linguísticos torna evidente a necessidade de um cuidado rigoroso por parte do pesquisador, dado que a ambiguidade inerente à linguagem pode comprometer a solidez dos raciocínios científicos, o que leva à exigência de definições precisas

[15] Cadena (2019, p. 39-40) entende que, inicialmente, em *Investigações lógicas*, Husserl coloca o foco na dimensão subjetiva das vivências, o que se manifesta no ato de significar, que é um ato intencional da consciência. Esse ato intencional é a base da subjetividade, onde a significação, entendida como essência, é o correlato objetivo. Aqui, observa-se uma mudança importante: o universal, que anteriormente estava ligado ao ato de consciência, agora é manifestado no próprio objeto.

e unívocas. Essa preocupação com a clareza e a exatidão dos termos é fundamental no método husserliano, que visa à segurança das investigações teóricas.

Em *Logische Untersuchungen. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik* [*Investigações lógicas. Primeiro Volume: Prolegômenos à lógica pura*], Husserl (*Hua* XVIII, 38) ressalta que a linguagem não deve ser empregada de maneira desleixada; o investigador deve recorrer a definições nominais como uma forma de evitar equívocos e garantir a precisão nas suas formulações conceituais. Esse procedimento metódico auxilia na fundamentação teórica ao evitar a confusão que a imprecisão terminológica pode causar. A necessidade de um tratamento artificial da linguagem, neste sentido, é um reflexo da busca por rigor nas ciências, onde a exatidão dos conceitos desempenha um papel central na formação de sistemas teóricos sólidos.

Husserl (*Hua* XVII, 19-20) enfatiza que, na sua função natural, a linguagem não se resume à prolação de palavras isoladas, mas consiste em um ato de comunicação em que o falante visa a algo além das palavras em si mesmas: ele visa o significado que essas palavras carregam. As palavras, assim, não são fins em si mesmas, mas funcionam como meios, ou 'pontes' (*Brücken*), que conduzem o ouvinte ao que é 'intencionado' por elas. Essas 'intenções significativas' (*signitive Intentionen*) são importantes para que o discurso possa ser considerado 'realmente' um discurso, ou seja, um meio eficaz de transmissão de sentido entre os sujeitos envolvidos na comunicação, uma vez que "um papagaio, naturalmente, não fala de verdade" (*Hua* XVII, 20)[16].

Cadena (2019, p. 38) entende que Husserl propõe que as significações são espécies de universais que se manifestam em diferentes atos de significação, distinguindo entre o conteúdo psicológico e o conteúdo lógico dessas significações. O conteúdo psicológico pode variar conforme os diferentes atos de significação, mas o conteúdo lógico, a 'identidade da espécie', garante a unidade da significação. Esse conceito é ilustrado pelo exemplo clássico do vermelho *in specie*, que se manifesta de maneira idêntica em diversas tiras de papel que compartilham a mesma cor.

Husserl (*Hua* XVII, 20) também discute a relação entre linguagem e pensamento, particularmente no que diz respeito à integridade e à intencionalidade do discurso, excluindo a comunicação desonesta, o "discurso mentiroso" (*lügende Rede*), que diz algo diferente do que pretende, e enfatiza a importância da congruência entre a expressão linguística e a intenção

[16] "Ein Papagei redet in Wahrheit natürlich nicht" (*Hua* XVII, 20).

subjacente. Ele introduz a ideia de que a 'unidade do discurso' (*Einheit der Rede*) está associada à 'unidade da opinião' (*Einheit der Meinung*). Em outras palavras, a forma e a estrutura da linguagem são refletidas na forma e na estrutura do pensamento que elas expressam. A proposta central aqui é que a unidade de um discurso não é uma característica externa aos signos linguísticos, mas, sim, algo que ocorre internamente. Assim, há um processo de 'animação' das palavras com a intenção do pensamento. Essa compreensão faz com que as palavras e os discursos carreguem e se transformem em significados concretos. O discurso, então, por mais que não seja apenas um conjunto de palavras ordenadas, é uma manifestação viva do pensamento. As palavras se tornam portadoras de uma opinião (*Meinung*), e o discurso (*Rede*), ao ser proferido, encarna essa opinião e a expressa como um sentido (*Sinn*) imanente, *i.e.*, transcendental.

A tentativa de delimitar um conceito preliminar de pensamento que abarca todas as vivências psíquicas, nas quais o '*meinen*' (termo que pode ser traduzido como 'dizer', 'opinar', 'intencionar' ou 'significar') ocorre (cf. Messinger; Türck; Willmann, 1993), é proposta por Husserl (*Hua* XVII, 20). Esse '*meinen*' é o ato em que, para o sujeito falante (e, paralelamente, para o sujeito que ouve e entende), constitui-se a '*Meinung*', *i.e.*, a opinião, o significado, o sentido que se expressa na linguagem. O exemplo de proferimento de um juízo, onde a pronunciação de palavras de uma asserção corresponde à realização da unidade do julgar, do 'afirmar' interno, que Husserl qualifica como um 'pensar', o *cogito*, não é meramente uma articulação de palavras, mas a efetivação de atos psíquicos que carregam o sentido da proposição enunciada (Lanza, 2022, p. 68). Sugerindo que, para compreender a relação entre pensamento e linguagem, seja necessário focar nos atos de julgamento que funcionam como dadores de sentido, nos quais a '*Meinung*' (o conteúdo do juízo) é carregada e expressa na frase afirmativa, Husserl (*Hua* XVII, 21) faz uma distinção entre esses atos de sentido e outros fenômenos psíquicos que ocorrem simultaneamente ao processo de fala, mencionando, por exemplo, as '*Hinweistendenzen*', que podem ser entendidas como as "tendências indicativas", que se referem a como os signos (palavras) apontam para algo além de si mesmos, conduzindo ao significado (cf. Messinger; Türck; Willmann, 1993). Apesar disso, para Husserl (*Hua* XVII, 21), ao investigar o papel do julgamento na constituição do sentido, essas tendências e outros estados psíquicos correlatos, como a intenção de se comunicar com um interlocutor, são postos de lado, a menos que sejam explicitamente expressos na linguagem (como em uma frase que inclui a expressão "eu te digo..." (*ich sage Dir*)). Tal análise se concentra em como o sentido é constituído nos atos de julgamento e na sua expressão verbal, sem se distrair com outros

aspectos do processo psíquico que, embora presentes, não desempenham um papel direto na geração do sentido enunciado.

A expressão linguística, em Husserl (*Hua* XVII, 21), não é apenas a emissão de palavras, mas envolve um processo consciente no qual o sentido é constituído. Esse processo de constituição do sentido é central para compreender a função da linguagem como expressão de um conteúdo de pensamento. Há, no pensamento husserliano, a importância do processo consciente na constituição do sentido por meio da linguagem, sublinhando que ela não se limita à simples emissão de palavras, mas envolve uma articulação significativa dos conteúdos do pensamento. Esse entendimento da linguagem como expressão consciente nos faz refletir sobre sua função mais profunda e complexa, que vai além de um veículo comunicativo imediato (Junglos, 2015, p. 45). É nessa perspectiva que surge a necessidade de explorar como a linguagem, ao nomear objetos, não apenas os representa de modo arbitrário, mas se relaciona com a essência dos próprios objetos. Esse aprofundamento, abordado por Cadena (2019, p. 41), reforça o papel do nome na linguagem como uma manifestação direta da essência do objeto, mostrando que o sentido atribuído a ele não é meramente uma escolha subjetiva, mas está ligado a uma dimensão ontológica mais profunda, na medida em que, no contexto da linguagem, o nome possui uma dimensão variável, que é o sentido. Este sentido pode ser atribuído a um objeto de diferentes maneiras, mas sempre estará limitado pela essência do objeto. Assim, o nome carrega consigo a essência do objeto, funcionando como uma manifestação desta essência. Isso implica que o nome não apenas denota um objeto, mas também traz consigo uma dimensão essencial que a linguagem busca expressar. A significação, então, repousa sobre a dimensão essencial do noema, pois essa dimensão essencial permite a comunicação eficaz, fornecendo uma base comum de compreensão que ultrapassa as variações subjetivas dos atos de significar. É crucial distinguir entre o ‘ato de significar’ (noese) e ‘aquilo que se significa’ (noema). O sujeito é responsável pelo ato de significar, mas o conteúdo do que é significado não é criado por ele; ao contrário, o conteúdo do noema é dado nas suas duas dimensões: o particular e a essência.

Husserl, como aponta Rizzoli (2003, p. 208), propõe que o nome próprio se distingue pela sua capacidade de referir-se ao objeto de maneira direta, sem a interposição de mediação conceitual. Essa característica sugere que o nome próprio opera em uma dimensão fenomenológica onde a referência ao objeto é imediata e desprovida de elaborações conceituais intermediárias. Ainda assim, a imediaticidade da referência não implica a ausência de intencionalidade, pois, dentro do arcabouço fenomenológico husserliano, toda consciência é

intencional, o que significa que o nome próprio, mesmo referindo-se diretamente ao objeto, o faz dentro de um ato intencional que direciona a consciência ao objeto. Assim, o significado de uma expressão linguística não reside em uma mera associação com um objeto, mas, sim, na estrutura intencional que a consciência estabelece entre a expressão e o objeto ao qual se refere, evitando, assim, a redução do fenômeno linguístico a uma simples relação referencial.

Para compreender como o nome próprio se articula dentro da fenomenologia husserliana, é necessário explorar a relação entre intencionalidade e referência direta. A proposta husserliana, que distingue o nome próprio por sua capacidade de referir-se ao objeto de maneira imediata, se interpõe diretamente à diferenciação posterior entre a função normal e a função significante derivada do nome próprio. A distinção entre esses dois usos revela que, embora a referência direta seja uma característica essencial, ela não é sempre garantida, pois depende da presença ou ausência da intuição do objeto. Nesse sentido, a função significante derivada se configura como uma mediação conceitual que, ao contrário da referência direta, exige a construção de uma relação intencional mais complexa. Portanto, a intencionalidade subjacente à função do nome próprio, em ambas as formas, mostra que o ato de nomear excede a mera designação, implicando um processo ativo de constituição de sentido e de conhecimento do objeto.

Husserl diferencia, de acordo com Rizzoli (2003, p. 210), dois usos do nome próprio: sua função normal e sua função significante derivada. Na função normal, o nome próprio refere-se diretamente ao objeto, e essa referência direta só pode ser ativada pela intuição do objeto nomeado. Para que um nome próprio funcione em sua capacidade normal, é necessário que o sujeito tenha uma intuição direta do objeto. A função significante derivada, por outro lado, ocorre quando o nome próprio é usado para se referir a um objeto que não foi conhecido diretamente. Nesse caso, a referência ao objeto não se dá por meio de uma intuição direta, mas através de uma mediação conceitual, onde o nome próprio adquire uma função derivada ao ser associado a um objeto que é conhecido indiretamente. Destarte, o nome próprio, em Husserl, deve ser considerado uma expressão linguística plena, dotada de significado categorial e com uma função cognitiva original e fundamental. Essa concepção parte da ideia de que o nome próprio não apenas indica ou aponta para um objeto, mas envolve uma forma mais complexa de referência que é essencialmente intencional. O significado categorial aponta para uma função cognitiva que não é meramente associativa, mas que estrutura a experiência do objeto de maneira a possibilitar o conhecimento. Em outras palavras, o nome próprio, ao operar como uma expressão linguística plena, participa ativamente na constituição do objeto como um ente cognoscível.

A articulação entre a função do nome próprio e a estrutura intencional da linguagem revela que a referência ao objeto não pode ser dissociada do modo como a consciência se direciona ao mundo. A distinção entre a função normal e a função derivada reflete uma variação nos níveis de intuição e mediação conceitual que marcam a relação entre linguagem e experiência. Mesmo assim, essa estrutura intencional se estende para além do nome próprio, como sugere Husserl (*Hua* XVII, 21), ao demonstrar que outras formas de expressão – como desejos, ordens ou perguntas – operam de maneira semelhante. Assim, tanto no uso do nome próprio quanto nas diferentes expressões linguísticas, a linguagem serve como um veículo para a manifestação da intencionalidade da consciência, estruturando e articulando o conteúdo experiencial. O ato de nomear ou desejar, nesse contexto, não é meramente representacional, mas é parte constitutiva da maneira pela qual o sujeito interage com o mundo, participando ativamente da constituição de sentido e da formação de conhecimento.

Ao enfatizar a inseparabilidade entre a estrutura linguística e o conteúdo experiencial do pensamento, Husserl (*Hua* XVII, 21) compreende que o que se aplica à afirmação declarativa se aplica igualmente a outras formas de expressão, como desejos, ordens ou perguntas. Ao dizer, por exemplo, 'Gott steh mir bei!' [Que Deus me ajude!], o locutor não está simplesmente articulando palavras; ele está, simultaneamente, engajado em um ato de desejar, onde o conteúdo desse desejo é expresso através da estrutura das palavras, *i.e.*, "[...] ao formar as palavras articuladas, ao mesmo tempo, temos um certo desejar [*Wünschen*] que se expressa justamente na articulação das palavras e que, por sua vez, possui um conteúdo igualmente articulado" (*Hua* XVII, 21)[17].

A transição das expressões linguísticas diretas para formas mediadas por julgamentos demonstra a flexibilidade da intencionalidade da linguagem. Ao considerar que um desejo, ordem ou pergunta pode ser transformado em uma proposição sobre o próprio ato intencional, observa-se que a linguagem não apenas articula o conteúdo do pensamento, mas também permite a reflexão sobre esse conteúdo. Essa modificação sugere que a estrutura linguística é capaz de abarcar diferentes níveis de intencionalidade, movendo-se da expressão imediata do desejo, como no exemplo 'Gott steh mir bei!', para uma formulação que coloca o desejo em uma posição reflexiva, convertendo-o em objeto de julgamento. Desse modo, a intersecção entre o conteúdo experiencial do pensamento e sua expressão linguística não se restringe à

[17] "[...] so haben wir mit dem gegliederten Erzeugen der Worte ineins ein gewisses, in eben der Wortgliederung sich ausdrückendes Wünschen, das seinerseits einen parallel gegliederten Gehalt hat" (*Hua* XVII, 21).

manifestação imediata da intencionalidade, mas envolve a possibilidade de rearticulação e modificação, expandindo as formas de interação entre sujeito e objeto.

Quando Husserl (*Hua* XVII, 22) aborda a questão da modificação das expressões linguísticas, especificamente no que diz respeito à transformação de expressões diretas, como desejos e perguntas, em proposições mediadas por julgamentos, ele ressalta que essa transformação resulta em uma mudança de atitude ou perspectiva, onde um desejo direto, por exemplo, é convertido em uma afirmação sobre esse desejo, e não mais em uma expressão direta do desejo em si.[18]

Segundo Husserl (*Hua* XVII, 22), há uma universalidade na correspondência entre linguagem e pensamento, o que significa que cada expressão linguística tem uma contraparte no domínio do pensamento, e vice-versa. Para isso, Husserl (*Hua* XVII, 22) descreve dois domínios paralelos: o domínio das expressões linguísticas possíveis (ou discursos) e o domínio dos sentidos possíveis, que são 'opiniões expressáveis' (*ausdrückbarer Meinungen*). Esses dois domínios formam uma unidade intencionalmente entrelaçada, criando um campo dual de discursos concretos e cheios de sentido. Aqui, Husserl parece sublinhar que qualquer afirmação (*Behauptung*) é simultaneamente uma expressão verbal e uma opinião atual, especificamente uma opinião de julgamento. Da mesma forma, um desejo expresso é ao mesmo tempo uma expressão verbal do desejo e o desejo em si, uma opinião desejante atual. Há, contudo, a necessidade de distinguir claramente entre diferentes tipos de pensamento e expressão. Assim, o que é frequentemente visto como uma dualidade deve ser compreendido como uma tríade. Husserl já havia indicado essa complexidade na distinção entre pensamento e 'pensado' (*Gedanke*), sugerindo que a relação entre linguagem e pensamento envolve não apenas uma correspondência direta, mas também uma estrutura mais complexa que inclui diferentes níveis de significado e intenção. Essa tríade se refere à distinção entre o ato de consciência e o

[18] Husserl (*Hua* XVII, 22) exemplifica essa modificação ao comparar duas formas de expressão: uma direta, como "que S seja p" (*"S möge p sein"*), e outra mediada por um julgamento, como "eu desejo que S seja p" (*"ich wünsche, dass S p sein möge"*). Na primeira, a intenção é expressa de forma direta e imediata, enquanto na segunda, ela é articulada indiretamente por meio de uma afirmação sobre o ato de desejar. Nesse processo de mediação, o desejo original se transforma em um 'momento' dentro de uma proposição de julgamento. Essa modificação é crucial, pois demonstra como o âmbito das significações judicativas (ou proposicionais) pode abarcar e reformular outras formas de significação, como intenções, perguntas ou suposições. A lógica dos juízos, portanto, possui a capacidade de incorporar e reformular outras lógicas de expressão, integrando-as em seu próprio domínio. Em oposição, essas mudanças de atitude resultam em expressões que não mais trazem à tona as intenções, perguntas ou suposições em seu sentido original, mas sim juízos sobre esses atos. Assim, a transformação de uma expressão de desejo direta em uma proposição de julgamento altera a natureza da expressão, que se torna, essencialmente, uma afirmação sobre o desejo, e não mais o desejo em si.

conteúdo do ato de consciência, entre a expressão de um desejo e o desejo em si, entre o ato de julgar e o julgamento em si.

A análise da correlação entre linguagem e pensamento, tal como articulada por Husserl (*Hua* XVII, 19) demanda uma consideração atenta das complexidades que permeiam a expressão e a intencionalidade. A problemática do 'pensamento', ao ser confrontada com a linguagem, revela uma estrutura simbólica e a constituição de significados que suplantam a mera articulação verbal. A advertência husserliana acerca das limitações da expressão linguística ressalta a necessidade de um exame crítico das relações entre signo e significado, onde a ambiguidade inerente da linguagem não deve ser subestimada. O '*meinen*', enquanto ato constitutivo do sentido, demonstra que a linguagem opera em um espaço que não se reduz a uma simples designação, mas requer uma estrutura intencional complexa, que articula o sujeito ao objeto.

Conclusão

Concluímos que a linguagem, na reflexão de Husserl, não se reduz à funcionalidade de um instrumento comunicativo, principalmente em *Formale und transzendentale Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* [*Lógica formal e transcendental. Tentativa de uma crítica da razão lógica*] (*Hua* XVII). Ao invés disso, constitui-se como uma instância fundamental na gênese do sentido e na estruturação das correlacionadas esferas da objetividade e da subjetividade. Husserl, ao investigar a relação entre o λόγος e a νοησις [*noesis*], expõe que a linguagem, em suas manifestações fenomênicas, sensorialmente acessíveis, apresenta uma idealidade transcendente à sua facticidade empírica. Essa idealidade confere à linguagem a propriedade de conservar o significado, independentemente de suas variações contextuais, permitindo que ela sobrepuje a mera veiculação de enunciados, ocupando uma posição fundante na constituição dos noemas, assim como na intersubjetividade que possibilita o entendimento mútuo.

Ao desassociar a lógica da dependência psicologista, Husserl assegura que esta se configure como uma ciência eidética, cujas leis não se encontram ancoradas nas vicissitudes das operações subjetivas, mas em um domínio noemático, dotado de necessidade e universalidade. Nesse sentido, a linguagem revela-se como o *medium* por excelência através do qual as estruturas racionais se tornam comunicáveis, possibilitando a objetivação do conhecimento em sua dimensão intersubjetiva. A validade da lógica, portanto, não se subsome

às limitações impostas pela contingência dos processos cognitivos individuais, mas emerge na medida em que a linguagem desempenha a função de formalizar e articular os atos de significação que são constitutivos das leis ideais.

A fenomenologia da linguagem, conforme desenvolvida por Husserl, não se limita a um exame da palavra enquanto fenômeno sensorial, mas compreende a palavra como portadora de uma intencionalidade que a vincula à estrutura da consciência e ao correlato objetivo. Mediante essa intencionalidade, a linguagem estabelece a conexão entre o *cogito* e o *cogitatum*, viabilizando a comunicação de sentido entre as consciências. Ao investigar a disjunção entre a materialidade dos signos e sua correlativa idealidade, Husserl demonstra que a linguagem opera simultaneamente em dois níveis: um sensível, onde se localiza a facticidade da enunciação, e um ideal, onde o significado permanece invariante. Essa estrutura intencional permite que a linguagem se inscreva no horizonte da constituição da realidade, não como reflexo, mas como instância constituinte.

Portanto, a investigação de Husserl sobre a linguagem e o pensamento explicita que a linguagem não se limita à mera representação do mundo empírico, mas exerce um papel constitutivo na determinação da realidade. A dissociação entre a lógica e o psicologismo, tal como sustentada por Husserl, reforça a autonomia da razão e a universalidade das leis lógicas, posicionando a linguagem como a matriz imprescindível para a constituição do conhecimento e do sentido na experiência.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*. Trad. César Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

ARISTÓTELES. *Da interpretação*. Trad. José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *General and rational grammar*: the Port-Royal grammar. Berlim: De Gruyter, 2015.

AURORA, Simone *et al*. Teoria del linguaggio e grammatica pura: sulla presenza di Husserl nei fondamenti della teoria del linguaggio di Hjelmslev. *Janus*, v. 14, p. 9-26, 2016.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. 2ª ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

AVERCHI, Michele. Husserl on communication and knowledge sharing in the *Logical investigations* and a 1931 manuscript. *Husserl studies*, v. 34, p. 209-28, 2018. https://doi.org/10.1007/s10743-018-9226-7.

BEYER, Christian. Edmund Husserl. *In*: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, inverno 2022. Disponível em: https://plato.stanford.edu/archives/win2022/entries/husserl/. Acesso em: 01 out 2024.

BIANCHIN, Matteo. Husserl on meaning, grammar, and the structure of content. *Husserl studies*, v. 34, n. 2, p. 101-21, 2018. https://doi.org/10.1007/s10743-017-9223-2.

BUNDGAARD, Peer. Husserl and language. *In*: SCHMICKING, D.; GALLAGHER, S. (ed.). *Handbook of phenomenology and cognitive science*. Dordrecht: Springer, 2010, p. 368-99.

CADENA, Nathalie Barbosa de la. Husserl, más allá de Frege. *Cadernos da EMARF*: fenomenologia e direito, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 31-47, 2019.

CHOMSKY, Noam. *Current issues in linguistic theory*. Berlim: De Gruyter, 2011.

CHOMSKY, Noam. Persistent topics in linguistic theory. *Diogenes*, v. 13, n. 51, p. 13-20, 1965. https://doi.org/10.1177/039219216501305102.

DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenômeno*: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FALABRETTI, Ericson Savio. Merleau-Ponty: o sentido e o uso da noção de estrutura. *Dois pontos*, v. 5, n. 1, p. 153-92, 2008. https://doi.org/10.5380/dp.v5i1.10085.

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência [1892]. Trad. Paulo Alcoforado. *In*: ALCOFORADO, Paulo (org.). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GENTIL, Hélio. Linguagem e temporalidade na estruturação do *Lebenswelt*: uma proposta de investigação. *Aoristo*, v. 1, n. 2, p. 98-111, 2017. https://doi.org/10.48075/aoristo.v1i2.18211.

GURWITSCH, Aron. On the object of thought [1947]. *In*: KERSTEN, F. (Ed.). *The collected works of Aron Gurwitsch*. Dordrecht: Springer, 2010, p. 157-63. https://doi.org/10.1007/978-90-481-2942-3_8.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

HUMBOLDT, Wilhelm von. Theory of *Bildung*. *In*: HOPMANN, Stefan; RIQUARTS, Kurt; WESTBURY, Ian (ed.). *Teaching as a reflective practice*. The German Didaktik tradition. Londres: Routledge, 2000, p. 57-61.

HUSSERL, Edmund. *Formale und transzendentale Logik.* Versuch einer Kritik der logischen Vernunft [1929]. Husserliana.Vol. XVII. Tübingen: Niemeyer, 1981.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen.* Ergänzungsband – Erster Teil: Entwürfe zur Umarbeitung der VI. Untersuchung und zur Vorrede für die Neuauflage der Logischen Untersuchungen (Sommer 1913). Husserliana (Hua). Vol. XX/1. Dordrecht: Kluwer, 2002.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen.* Ergänzungsband – Zweiter Teil: Texte für die Neufassung der VI. Untersuchung. Zur Phänomenologie des Ausdrucks und der Erkenntnis. Husserliana (Hua). Vol. XX/2. Dordrecht: Springer, 2005.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen.* Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik. Husserliana (Hua). Vol. XVIII. Den Haag: Nijhoff, 1975.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen.* Zweiter Band – I. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Husserliana (Hua). Vol. XIX/1. Den Haag: Nijhoff, 1984.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen.* Zweiter Band – II. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Husserliana (Hua). Vol. XIX/2. Den Haag: Nijhoff, 1984.

HUSSERL, Edmund. Philosophie als strenge Wissenschaft [1910]. *Logos*, v. 20, n. 575, p. 289-341, 1911.

JAKOBSON, Roman; ANDERSON, S. R. Linguistics. *RLE progress report*, n. 90, p. 221-40, 1968. Disponível em: https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/55772. Acesso em: 6 fev 2025.

JAKOBSON, Roman. Linguistics and communications theory. *In*: JAKOBSON, Roman (ed.). *Structure of language and its mathematical aspects*. [*s. l.*]: Proceedings of Symposia in Applied Mathematics, 1961, p. 245-52.

JOARDAR, Koushik. Logos as signifier: Husserl in the context of tradition. *In*: TYMIENIECKA, Anna-Teresa (org.). *Phenomenology/Ontopoiesis retrieving geo-cosmic horizons of antiquity*. Analecta Husserliana. Vol. 110. Dordrecht: Springer, 2011, p. 206-215.

JUNGLOS, Márcio. The constitution of judgments in Husserl's phenomenology. *Discusiones filosóficas*, v. 16, n. 27, p. 31-47, 2015. https://doi.org/10.17151/difil.2015.16.27.3.

KORELC, Martina. Deus como princípio necessário na fenomenologia de Husserl. *Philósophos*, Goiânia, v. 28, n. 1, 2023. https://doi.org/10.5216/phi.v28i1.76361.

LANZA, Andrea. Husserl's *Teleologie der "tiefen" Assoziationen* as foundation of the Theory of Judgment in comparison with Millikan's Teleosemantic Theory. *Aisthesis*, v. 14, n. 2, p. 65-78, 2022. https://doi.org/10.36253/aisthesis-13152.

LEE, Nam-In. Phenomenology of language beyond the deconstructive philosophy of language. *Continental philosophy review*, v. 42, p. 465-81, 2010. https://doi.org/10.1007/s11007-009-9118-9.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES; Henry Stuart. *A Greek-English lexicon*. 9ª ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996.

LIPKA, Daniel. Derrida, Husserl's disciple: how we should understand deconstruction of transcendental philosophy. TYMIENIECKA, Anna-Teresa (ed.). *Transcendentalism overturned*. From absolute power of consciousness until the forces of cosmic architectonics. Analecta Husserliana. Vol. 108. Dordrecht: Springer, 2011, p. 245-60.

MATTENS, Filip. Introductory remarks: new aspects of language in Husserl's thought. *In*: MATTENS, Filip (org.). *Meaning and language*: phenomenological perspectives. Phaenomenologica (PHAE). Vol. 187. Dordrecht: Springer, 2008, p. 9-19.

MCINTYRE, Ronald; SMITH, David Woodruff. *Husserl and intentionality*: a study of mind, meaning, and language. Dordrecht: Springer, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESSINGER, Heinz; TÜRCK, Gisela; WILLMANN, Helmut. *Langenscheidt's standard German dictionary*: German-English, English-German. Nova Iorque: Langenscheidt, 1993.

MIEL, Jan. Pascal, Port-Royal, and Cartesian linguistics. *Journal of the history of ideas*, v. 30, n. 2, p. 261-71, 1969. https://doi.org/10.2307/2708438.

PEIXOTO, Miriam. Apresentação. *In*: PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. Trad. Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014, p. 5-9.

PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. Trad. Celso O. Vieira. São Paulo: Paulus, 2014.

RIZZOLI, Lina. Nome proprio e *Begriffsbildung* fenomenologica. *Leitmotiv*, v. 3, p. 207-16, 1993.

SANTOS, José Gabriel Trindade. Linguagem. *In*: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo (org.). *Platão*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 151-66.

SEARLE, John. *Speech acts*: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Claudinei. A dobra carnal do logos: Merleau-Ponty e o prodígio da linguagem. *Perspectiva filosófica*, v. 50, n. 3, p. 261-82, 2023. https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.258445.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. Sobre a relação entre o espiritualismo de Bergson e a fenomenologia de Husserl nas origens da filosofia contemporânea. *Dissertatio*, v. 4, n. supl., p. 156-71, 2016. https://doi.org/10.15210/dissertatio.v0i0.10101.

VECINO, M. Nature, spirit, and spirituality in Husserl's phenomenology. *Religions*, v. 12, n. 7, p. 1-11 [481], 2021. https://doi.org/10.3390/rel12070481.

VIEIRA, Celso de Oliveira. Introdução. *In*: PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. Trad. Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014, p. 5-9.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo, 2022.

ZAHAVI, Dan. *Husserl's phenomenology*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

ZILLES, Urbano. *Panorama das filosofias do século XX*. São Paulo: Paulus, 2016.